

Um olhar judaico sobre Paris

A Jewish view on Paris

EVA ALTERMAN BLAY

Professora aposentada do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.

PARIS, QUE ADMIRAMOS, É MUITO MAIS DO QUE UMA BELA CIDADE, FOCO DE notável civilização, que aprendemos a cultuar quando a França era hegemônica. Conhecer suas ruas, a arquitetura, a moda, os museus, foi um sonho de muitas gerações. Da minha, inclusive. Quantas vezes, sempre que possível, nossos caminhos passavam por ela? Mas visitar Paris é sempre uma surpresa, por vezes amarga.

Estive em Paris em julho de 2013¹, quando visitei o *Musée d'Art et d'Histoire du Judaïsme* (MAHJ). É um museu novo, se comparado à presença milenar dos judeus na França. Foi criado (mas não inaugurado) em 1986, no governo Chirac. O edifício de 1600 levou algumas décadas para ser restaurado. *Le retour. 1945*, de Chana Orloff, era a exposição temporária na época de minha visita. Nascida na Ucrânia, Chana foi a Paris para se aperfeiçoar como *costureira*. Seu talento a levou a outros caminhos: contemporânea de Soutine, Modigliani, Zadkine, Chana produziu uma grande obra, entre esculturas e quadros. Com a instalação do governo Vichy, foi alertada e, por ser judia, fugiu com seu filho para a Suíça, onde continuou a trabalhar. Sua obra, que ficara na França, foi destruída, pilhada. Voltou em 1945: daí o nome da atual exposição, “O retorno. 1945”. Da pintura suave, do mármore de contornos macios, ela passou a fazer desenhos em branco e preto: rostos com olhos que nos ferem, duros, e mármores de formas agressivas. Há também algumas das obras destruídas, que ela se negou a restaurar. De fato, o nazismo, que dominou a França no período do governo Vichy, transformou a vida e a obra de Chana Orloff.

No mesmo MAHJ, uma exposição fotográfica contava o cotidiano da Rue des Rosiers – famosa por ter sido local de atentado a bomba num restaurante há alguns anos. São fotos do brasileiro Alésio de Andrade (1938-2003), hoje conhecido apenas entre os aficionados por fotografia e que foi para mim uma revelação. São fotos minimalistas em branco e preto de uma rua frequentada por crianças, homens e mulheres, muitos judeus. Um rosto entrevistado num restaurante, uma banca de jornal, um açougue, tudo muito simples, como em qualquer lugar da pequena classe média. Ele fixa em especial o Pletzel, tipo de “pracinha”, comum a inúmeras cidades do mundo, onde judeus de se reúnem para trocar informações, conversar, lembrar. O Pletzel é predominantemente masculino. Surpreendente a biografia do talentoso fotógrafo, poeta, músico. Premiado com várias bolsas, acabou se fixando em Paris, onde morreu aos 65 anos.

O Mahj é um museu ativo e dedicado à cultura e arte judaicas. Tem uma extraordinária livraria internacional e organiza várias atividades articuladas à presença judaica em Paris, como visitas guiadas a outros museus, em bairros de interesse histórico, exposições.

No mesmo bairro, Marais, está o *Mémorial de la Shoah*. Dedicada-se a manter viva a história dos judeus da França, as perseguições e o Holocausto. Toda a arquitetura do edifício é voltada para essa finalidade reacender lembranças. Os nomes de adultos e crianças assassinados, enviados pela França de Vichy para campos de concentração (ironicamente chamados de “campos de passagem”) e depois enviados a Auschwitz² estão gravados na pedra. Na parte externa, há um monumento circular com os nomes de todos os campos de concentração europeus.

A exposição temporária *La spoliation des Juifs. Une politique d'état. 1940-1944* conta como se deu a espoliação dos judeus franceses no governo Vichy. Não foi necessário apresentar maiores provas, bastou colar sobre as paredes os mesmos cartazes que cobriam todas as cidades francesas de onde os judeus foram expulsos e destituídos de suas casas, negócios, lojas, fábricas: tudo ia para leilão público gerido pela Prefeitura. Então, comunicava-se aos interessados os preços, o dia e a hora do leilão. É tão inverossímil a mesquinhez do que foi feito, que seria inadequado alçá-lo à célebre análise de Hannah Arendt sobre a “banalidade do mal”. Muitos vizinhos, simplesmente aproveitando-se da usuração dos bens, não se pejaram em se apropriar do que fora dos judeus enviados para os campos de concentração e da morte.

Por sugestão da colega e amiga Paula Stroh, fui visitar o Museu Nissim de Camondo. Nunca ouvira falar dessa magnífica residência transformada em museu. A família Camondo³ veio da Turquia no início do século XIX. Viveram na França (em Paris, especialmente) por várias gerações. O patriarca construiu uma casa para sua família, destinada principalmente a seu filho Nissim, dotando-a de obras de arte de todos os tipos. Como francês, Nissim se alistou e se tornou aviador na 1ª Guerra

Mundial. Após a morte de Nissim, seu pai destinou todos seus bens – palácio, obras de arte e tudo que havia na casa, ao Museu des Arts Décoratifs francês. A irmã de Nissim, nascida na França, casada com um judeu francês, e seus dois filhos não se consideravam outra coisa que não franceses. Pertenciam à altíssima burguesia. Nem pensaram em fugir quando da 2ª Guerra Mundial. Mas o governo de Vichy não os considerava franceses, e sim judeus. Os quatro, os pais e as duas crianças, foram enviados para Drancy e depois Auschwitz, onde todos foram mortos. Visitei o magnífico Museu Nissim de Camondo, onde nada há de judaico, mas onde se pode apreciar uma grandiosa coleção de arte, móveis, tapetes, luminárias e uma extraordinária cozinha.

Inevitável ignorar o que acontece hoje com os estrangeiros ou franceses naturalizados quando se lê o que ocorre com o Deputado do Partido Socialista Eduardo Rihaan Cypel. Ainda criança, emigrou com seus pais para a França, onde estudou e onde adquiriu cidadania francesa. Em junho de 2013, passou a ser atacado pela Frente Nacional, partido de extrema direita que tem 18% dos votos. Acusação: “é um francês relativamente novo”. Mais ainda, afirmou o deputado Bruno Gollnisch: “ele é como essas pessoas que você convida para sua casa e, quando se sentem em casa, querem trazer todo mundo”.

O passado deitou raízes de preconceito que não estão extintas.

NOTAS

1 Esta viagem foi feita por ocasião da participação da autora num congresso em Jerusalém, apoiada pela FAPESP.

2 Não foi apenas na França que, já antes da 2ª Guerra Mundial, articulavam-se as condições necessárias à deportação de judeus para os campos de concentração. Para conhecer mais a respeito dos processos históricos que culminaram com a entrega de judeus brasileiros nas mãos dos nazistas durante a era Vargas, ver: BLAY, Eva A. “Inquisição, Inquisições. Aspectos da participação dos judeus na vida sociopolítica brasileira”. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, S. Paulo, vol. n.1, 1989, pp. 105-130.

3 Para mais informações sobre a família Camondo e o museu, ver: ROSSI, Sylvie Legrand. *Le Musée Nissim de Camondo*. Paris: Ed. Les Arts Décoratifs, 2009.

Recebido em 24/11/2013

Aceito em 07/01/2014